

ILUSÕES MINHAS

(*Versos*)

POR

Fernanda Tavares de Mello



LISBOA

Tipografia da Empresa Diário de Notícias
Rua Diário de Notícias, 78

1926

RC
MNCT
82-1
MEL

ILUSÕES MINHAS



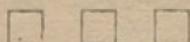
ILUSÕES

MINHAS

(Versos)

POR

Fernanda Tavares de Mello



RC

MNCI

82-1

TEL

LISBOA

Tipografia da Empresa Diário de Notícias

Rua Diário de Notícias, 78

1923

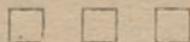
ILUSÕES

MINHAS

(Versos)

POR

Fernanda Tavares de Mello



BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

RC

MNCI

82-1

MEL

LISBOA

Tipografia da Empresa Diário de Notícias

Rua Diário de Notícias, 78

1923

*A vós, queridos Paes,
pertence-vos o meu primeiro livro*

Fernanda Tavares de Mello

INSCRIÇÃO

Dizem ser triste este livro . . . É verdade!
encerra um sentimento amargo, descrente,
mas é o que a minha pobre alma sente:
tristeza, lembranças, e infinda saudade . . .

Verá este, a luz da publicidade . . .
e, leitor: se a vida te sorri contente,
não o leias, pois não comprehendes, certamente,
o que elle descreve da cruel realidade!

Mas, se o teu sonho belo está desfeito,
se já não ha ventura n'esse peito,
e se nada te poderá consolar . . .

lê este livro, e quem sabe se então . . .
te dará uma infinita consolação . . .
e com elle, leitor, poderás chorar . . .

A MINHA MÃE

(no dia dos seus annos)

Salvé! Minha Mãe querida . . .
Salvé! Tão ditoso dia . . .
Aqui me tendes devéras comovida . . .
mas, o coração repleto d'alegria.

Que, n'esta tão espinhosa vida,
possaes ter a felicidade
que vos é tão merecida,
é o que desejo com sinceridade.

Existe lá maior prazer
de que possuir nossa mãe? . . .
Que ventura maior pode haver? . . .
Oh! . . . Como lamento quem a não tem . . .

Mãe! . . . Como esta palavra encanta
com perfume subtil e embreagante! . . .
Oh! Mãe querida, Mãe Santa . . .
de comoção me sinto estonteante . . .

Termino, implorando enternecida
a Deus, n'uma ferverosa préce,
que dê á minha Mãe, tão querida,
a ventura que tanto merece . . .

Lisboa 30-12-922.

ESPERANÇA...

Oh... Como é bela a esperança...
que nos suavisa e atenua a dôr!...
É um sonho, em que pensamos com ardôr,
e que nos inspira tanta confiança...

Infeliz d'aquêle, que sem segurança,
e já sem fé alguma, nem amôr,
despreza com odio e rancor
a sonóra palavra: Esperança...

Deve ser-nos inseparavel...
se é ella a visão consolavel
que nos prende n'uma aliança...

Mesmo nos instantes de sofrimento...
e até no derradeiro momento,
deve acompanhar-nos a dôce — Esperança!

A VIDA! . . .

— Pequena! . . . Foge d'essa sepultura . . .
Enxuga o teu pranto, desgraçada . . .
Porque choras ahí, ajoelhada? . . .
(perguntou-lhe o ancião, com ternura) . . .

A creança, livida de amargura,
disse: «Ihe morrera a mãe idolatrada»
(mostrando-se com a morte revoltada . . .
causadora da sua desventura . . .)

— «Mais negro do que a morte nada existe . . .
nem mais hediondo, nem mais triste! . . .»
(terminou, n'uma expressão dolorida) . . .

— Pequena! Lamento a tua sorte! . . .
Mas, mais cruel ainda do que a Morte . . .
ouve, creança: . . . É a Vida!

Lisboa 26-3-923.

MORREU!

(A memoria do Poeta Julio Arantes Pedroso)

I

Morreste! . . . poeta querido . . .
e nunca mais te verei! . . .
nem jámais te falarei! . . .
Jazes, p'ra sempre, adormecido!

Mas, por mim, não és esquecido . . .
por tua alma sempre velarei;
e, com fé, a Deus implorarei
que te dê um socego merecido . . .

A vida só te deu martyrios!
Que, na campa ornada de lyrios . . .
durmas, descansado, a Eternidade!

Partiste! . . . E nem sequér primeiro
me deixaste o Adeus derradeiro! . . .
Apenas, me deixaste: a Saudade!

II

Morto! . . . Oh! Pois será verdade?!
Esse coração cessou de pulsar? . . .
Tão cedo a morte o foi chamar
Inda cheio de esperança e mocidade?! . . .

Oh! Morte! Como tiveste a crueldade
de á familia esse moço arrancar . . .
e nas tuas azas negras o levar?! . . .
Porque não tiveste, Morte, piedade?

E assim pois esse teu olhar terno
se encerrou n'um triste sonho eterno!
Meu Deus! Que impiedoso tormento!

Será imortal tua memoria querida . . .
Morreste! Deixaste, p'ra sempre a vida! . . .
Mas . . . vives inda no meu pensamento!

Lisboa 16-5-923.

AMAR...

Amar sem esperança, como é doloroso!
é querer combater este amor nascente...
e é também desejar simultaneamente
conservar este tão cruciante gôso!

Amar com fé, sendo bem venturoso,
tem um padecer; mas, é diferente...
é recear que fuja esse querido ente...
sendo frívolo este prazer amoroso.

Realisada enfim tal felicidade,
geralmente fica apenas a amizade...
e passa todo esse grande calôr...

Mas... o que é firme... é a infinita saudade
que resta d'esse entretenimento da mocidade!
Oh! Na realidade... Como é efemero o Amôr!

Lisboa 30-5-923.

COMO SE AMA ACTUALMENTE . . .

Procuras, coração, um amor constante! . . .
Mas, onde existe elle, actualmente? . . .
Já não ha quem ame eternamente . . .
Hoje, o amor dura apenas um instante . . .

Julgam ter uma paixão obcecante,
fazendo juras, com entusiasmo ardente . . .
Mas, outro amor substitue o antecedente . . .
e assim, foge este coração inconstante . . .

Porém . . ., palavras' . . ., leva-as o vento . . .
Tornam a fazer outro juramento
e convictos, dizem, com ardôr:

Afinal, vejo que me enganei . . .
A «outra» . . . Oh! de certo que não amei . . .
Mas . . . a «esta» . . . sim . . . é que tenho amôr! . . .

Lisboa 30-5-923.

ETERNIDADE!

N'esta vida . . . podemos ter um momento
de gosar uma intensa ventura . . .

Mas, é um prazer de pouca dura . . .
p'ra dar logar ao eterno sofrimento ! . . .

Passamos a vida n'um derramento
lacrimoso, proveniente d'uma agrura,
que nos faz viver n'uma tortura
e n'um constante padecimento !

É um mundo perverso e mentiroso . . .
reinando um fingimento asqueroso
que nos fere com a sua falsidade . . .

E, devia apenas n'este bulício agréste,
existir uma aspiração celeste . . .
pelo sonho belo da : Eternidade !

Lisboa 12-7-923.

A PEDINTE!

—Vai-te! . . . Tem paciência! . . . Não pode ser! . . .
Era esta a frase mais usada . . .
dirigida á misera desgraçada,
que a recebia aflita, e a tremer . . .

— «Mas . . . que mais paciência posso ter?! . . .»
Um empurrão, foi a resposta d'um guarda . . .
deixando-a no solo estatelada,
impedindo que a fossem socorrer!

Finalmente, alguém a levantou . . . ;
e, n'um tom meigo, lhe perguntou:
dize-me, pequena, desejas pão? . . .

A pobre pedinte, de frio a tiritar,
apenas esta resposta pôde dar:
— Desejo, senhor . . . uma afeição!

Lisboa 25-6-923.

A MINHA MUSA . . .

Parece-me estar ainda ouvindo
tua voz, n'uma grande melancolia,
dizer: Vá, cultiva a poesia . . .
e verás o que é belo e lindo!

O Echo da tua voz me foi seguindo
sempre, como um hino de magia . . . ;
e hoje, amo com idolatria . . .
esse prazer, p'ara mim infindo.

Morreste! . . . E, parece-me ainda sentir,
distante, o teu olhar a sorrir . . . ,
e a tua voz longiqua, n'uma melodia . . .

a incutir-me esta obcecação . . . ,
que me causa a tua inspiração . . .
pela celeste e inefavel Poesia! . . .

S. João do Estoril 9-7-923.

A CONSCIENCIA!

Que importa a censura da humanidade... ,
que, sempre pronta á maledicencia... ,
nos persiga, mesmo com frequencia,
a atacar-nos e a ferir-nos sem piedade?!...

Que importa toda essa inimizade?!...
Que importa essa cruel insistencia
dado o caso, que a nossa consciencia
nos tranquilize com lealdade?!...

Todo o mundo nos pode acusar!...
Todos nos podem, até, atacar...
e molestar-nos com renitencia!

Finalmente... , que vale isso?... Nada!...
Contanto que tenhamos sempre socegada,
e tranquila, a nossa Consciencia!

S. João do Estoril 20-7-23.

AMAR... , PENAR... , E MORRER!...

Deus meu!... Quem me poderá informar
da causa da nossa existencia?!...
Dizei-me, pois... Oh! Providencia:
Viemos ao mundo, quem sabe, para AMAR?...

Mas... , se na Vida só viemos encontrar
sofrimento e grande inclemencia... ,
e temos de suportar, com paciencia,
este cruel e insofrível PENAR!...

Quando principiamos, finalmente,
a compreender este vil ambiente... ,
e aprendemos, emfim... a viver... ,

não tendo ilusões, mas sim, experiencia... ,
ataca-nos a velhice... com renitencia... ,
e, o que nos resta, pois, senão MORRER?!

S. João do Estoril 24-8-923.

O RISO . . .

Como o riso é falso, quando quer aparentar
uma alegria que se não pode definir?! . . .

E, quantas vezes temos os labios a sorrir . . .
e o pobre coração, torturante, a chorar?! . . .

E, geralmente succede que ao contemplar
esse riso, que tanta magua quer encobrir . . . ,
nós julgamos advinhar . . . e descobrir . . .
a ventura que esse coração ha-de gosar! . . .

Mas . . . tudo isso é mentira . . . é fingimento! . . .
É uma mascara que encobre o sofrimento . . .
n'um constante fadário doloroso . . .

E consegue iludir a sociedade . . . ,
que julga ser um rir de felicidade!
Oh! . . . Como o riso é falso . . . e mentiroso!

S. João do Estoril 24-8-923.

O ESQUECIMENTO!...

Senhor! A vós venho suplicar
que oiçais esta minha oração . . . :
Há tanto tempo que procuro . . . em vão . . . ;
sem o conseguir encontrar . . .

Procuo, procuo . . . , sem cessar . . .
este lenitivo . . . , minha aspiração ! . . .
E, sómente com essa ilusão . . .
presinto que o hei-de alcançar ! . . .

Ah ! . . . dae-me essa infinita ventura ! . . .
Acabae-me com esta grande agrura ! . . .
Não prolongueis meu sofrimento . . .

Dae-me o que procuro com ardôr . . .
Por Deus ! . . . Oh ! . . . trazei-me, Senhor . . .
o eterno . . . e suave . . . «Esquecimento» !

S. João do Estoril 23-8-923.

A ILUSÃO . . .

Viver-se iludido . . . é não conhecer a vida! . . .
E é suave . . . , e muito bela, essa existência . . . ;
vive-se n'uma constante inocencia,
não conhecendo, a fundo, esta espinhosa lida! . . .

A Desilusão! Oh! chaga dolorida . . .
que muito nos fére, com frequencia . . . ,
e nos deixa n'uma moral decadencia,
contrario da illusão, que nos é querida!

Em tudo se crê! . . . Em tudo se acredita . . .
com uma crença bela e infinita!
Julgamos que tudo é bom . . . e muito são . . .

Oh! Poderoso Deus! Por piedade . . .
enviae-me essa grande suavidade . . .
que é a bela e inexpressivel . . . Ilusão!

S. João do Estoril 25-8-923.

A MEU PAE

(no dia dos seus annos)

Meu bom Pae! Como me sinto jubilosa . . .
por vos saudar com entusiasmo e amôr! . . .
ambiciono, com um infinito ardôr,
que a vida vos seja bela e venturosa . . .

A vós, que leuaes uma lucta dolorosa
combatendo com a vida n'um intenso fervôr,
e que trabalhais com afan e calor . . . ,
vos saúdo, por esta feliz data gloriosa!

A vós, meu Pae . . . que devo, afóra o meu ser,
a educação, é pois meu grande dever
desejar-vos ventura, por esse mundo além! . . .

Oh! Sim! . . . desejo-vos grande felicidade,
auréolada de esperança e tranquillidade!
E, sendo feliz meu Pai . . . eu . . . o serei, tambem!

INDICE

I — Inscricão.....	5
II — A minha mãe.....	6
II — Esperança.....	8
IV — A Vida.....	9
V — A memoria de Julio Arantes Pedroso.....	10
VI — Amar.....	12
VII — Como se ama actualmente.....	13
VIII — Eternidade.....	14
IX — A pedinte.....	15
X — A minha musa.....	16
XI — A Consciencia.....	17
XII — Amar, penar e morrer.....	18
XIII — O riso.....	19
XIV — O esquecimento.....	20
XV — A illusão.....	21
XVI — A meu pae.....	22





RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329694036

